

Índice

I	7
II	55
III	117

É ao anoitecer que o peso cai sobre ela, tão grande que tem de se sentar para cobrar fôlego.

Lá fora o silêncio não é como esperava. De facto, não é silêncio. Há um rumor ao longe, como que de estrada, embora a estrada mais próxima seja municipal e fique a três quilómetros de distância. Também se ouvem grilos, ladridos, a buzina de algum automóvel, os gritos de um vizinho trazendo já de regresso o gado.

Era melhor o mar, embora também mais caro. Fora do seu alcance.

E se tivesse aguentado um pouco mais, poupado um pouco mais?

Prefere não pensar. Fecha os olhos, deixa-se cair devagar no sofá, ficando com metade do corpo de fora, numa posição antinatural que lhe causará câibras se não se apressar a mudá-la. Dá-se conta disso. Deita-se como pode. Adormenta-se.

É melhor não pensar, mas os pensamentos chegam e deslizam através dela, entrelaçando-se. Tenta fazê-los sair à mesma velocidade com que entram, mas eles acumulam-se dentro de si, um pensamento por cima de outro. O seu próprio esforço — fazer que entrem e saiam sem se acumularem — é já por si um pensamento demasiado intenso para a sua cabeça.

Quando conseguir o cão será mais fácil.

Quando organizar as suas coisas e colocar a sua mesa e puser decentes os terrenos que rodeiam a casa. Quando regar — está

tudo tão seco — e limpar — está tudo tão descuidado. Quando refrescar.

Ficará muito melhor quando refrescar.

O senhorio vive em Petacas, uma pequena povoação a quinze minutos de carro. Apresenta-se duas horas mais tarde do que o combinado. Nat está a varrer o alpendre quando ouve o motor do jipe. Levanta a cabeça, franze os olhos. O homem estacionou junto à entrada, a meio do caminho, e aproxima-se arrastando os pés. Está calor. É meio-dia e faz já um calor seco e inclemente.

Não pede desculpa pelo atraso. Sorri pondo a cabeça de lado. Tem os lábios estreitos, os olhos encovados. O seu macaco de trabalho puído está salpicado de nódoas de gordura. É difícil calcular a sua idade. A sua deterioração não tem que ver com os anos, mas com a expressão enfastiada, com a maneira de balançar os braços e dobrar os joelhos enquanto avança. Pára diante dela, põe as mãos na cabeça e olha em redor.

— Assim estamos já a começar! Que tal a noite?

— Bem. Mais ou menos bem. Muitos mosquitos.

— Tens um aparelho numa das gavetas da cómoda. Um desses que servem para os afugentar. Não o viste?

— Sim, mas não tinha líquido.

— Bom, rapariga, lamento muito. — Abre os braços, ri-se. — O campo é assim!

Nat não lhe devolve o sorriso. Escorre-lhe pela fonte uma gota de suor. Limpa-a com as costas da mão e encontra nesse gesto a força necessária para atacar.

— A janela do quarto não fecha como deve ser e a torneira da casa de banho pinga. Para não falar desta sujidade toda. É muito pior do que eu me lembrava.

O sorriso do senhorio arrefece, desaparece pouco a pouco do seu rosto. Crispa-se-lhe o queixo ao responder. Nat adivinha que ele é um homem iracundo e sente agora vontade de recuar. Com os braços cruzados sobre o peito, o homem argumenta que ela viu perfeitamente como estava a casa e que se não reparou em todos

os pormenores a responsabilidade não é dele, mas dela. Lembra-lhe que lhe baixou duas vezes o preço. Diz-lhe, por fim, que ele mesmo se encarregará de todas as reparações necessárias. Nat não acha que seja boa ideia, mas não discute. Concorde e enxuga outra gota de suor.

— Faz muito calor.

— Vais dizer-me que também sou eu que tenho a culpa?

O homem vira-se, chama o cão que ficou a escavar na terra, junto ao jipe.

— Que te parece este?

Desde que chegou, o cão não levantou a cabeça. Anda a farejar o chão com nervosismo, seguindo um rasto como um cão de caça. É um rafeiro pardo de patas altas, com o focinho comprido e o pelo áspero. Está ligeiramente entesado.

— Bem, gostas ou não?

Nat balbucia.

— Não sei. É um cão bom?

— Claro que é um cão bom. Não vai ganhar um concurso de beleza, isso podes tu ver, mas não te importas, pois não? Não foi o que me disseste, que não te importava? Não tem parasitas nem nada de mau. É novo, está saudável. Também não come muito, não precisas de te preocupar. Busca qualquer coisa por aqui e ali. Amanha-se.

— De acordo — diz Nat.

Entram em casa, relêem o contrato, assinam — ela, com uma garatuja descuidada; ele, cerimoniosamente, premindo com força a esferográfica sobre o papel. O senhorio só trouxe uma cópia, que guarda garantindo-lhe que lhe fará chegar a dela às mãos assim que possa. Nat pensa que não tem importância, é um contrato completamente sem validade, nem o preço que dele consta é o real. Não torna a mencionar o problema da janela nem o da torneira da casa de banho. Ele também não. Estende-lhe teatralmente a mão, semicerra os olhos ao olhá-la.

— É melhor a gente entender-se bem do que mal — diz ele.

Quando sobe para o jipe e arranca, o cão fica como estava. Continua diante de casa, ainda a farejar para cima e para baixo na

terra ressequida. Nat chama-o, fala-lhe e assobia, mas o cão não dá sinais de tencionar aproximar-se.

O senhorio não lhe disse sequer o nome dele. Se é que tem algum.

Se tivesse de explicar porque é que ali está, custar-lhe-ia encontrar uma resposta convincente. Por isso, no momento de o fazer, recorre a evasivas e limita-se a falar de uma mudança de ares.

— Toda a gente há-de pensar que estás louca, não?

A rapariga da loja masca pastilha elástica enquanto põe as compras em cima do balcão. É a única loja em vários quilómetros em redor, um estabelecimento sem nome, onde se amontoam, misturados, artigos de alimentação e de drogaria. Comprar ali é caro e não há muita variedade por onde escolher, mas Nat continua a resistir a ir de carro até Petacas. Procura na carteira e conta as notas de que precisa.

A rapariga tem vontade de falar. Interroga Nat sem cerimónias sobre a sua vida, incomodando-a. Quem lhe dera poder fazer a mesma coisa, mas ao contrário, diz ela. Ir para Cárdenas, onde há de tudo.

— Viver aqui é uma seca. Nem rapazes há!

Conta-lhe que antes ia às aulas a Petacas, mas que deixou de ir. Não gosta de estudar, é má em todas as disciplinas. Agora dá uma ajuda na loja. A sua mãe sofre de enxaquecas crónicas e o pai trabalha na agricultura, por isso dá jeito haver alguém que ali esteja. Mas quando fizer dezoito anos ir-se-á embora dali. Talvez para ser caixeira em Cárdenas ou tomar conta de crianças. Dá-se bem com as crianças. Com as poucas que aparecem por La Escapa, acrescenta sorrindo.

— Isto aqui é uma seca — repete.

É ela que fala a Nat dos que vivem nas casas e quintas da zona. Fala-lhe da família de ciganos que ocupa um velho monte em ruínas, logo ao sair da estrada. Um autocarro chega todas as manhãs para levar as crianças à escola; são essas as únicas crianças que ali vivem todo o ano. Há também o casal de velhos da

casinha amarela. Ela é uma espécie de bruxa, afirma a rapariga, é capaz de predizer o futuro e de ler o pensamento.

— Engana-se muito porque está meio louca — ri-se a rapariga.

Fala-lhe do *hippie* da casa de madeira, de um a que chamam o alemão embora ele não o seja, do bar do Gordo — embora reconheça que qualificar de bar o armazém que serve bebidas em garrafas pequenas talvez seja excessivo. Há mais gente que vai e vem segundo as datas do calendário rural, jornaleiros, contratados à quinzena ou ao dia, mas também famílias completas que vivem metade do ano noutro lado e que herdaram casas que não conseguem vender. Mas nunca se vêem mulheres sós. Não da idade de Nat, precisa ela.

— As velhas não contam.

Nos primeiros dias, Nat engana-se e baralha toda esta informação, em parte porque a escuta distraída, em parte porque desconhece ainda o terreno em que se está a mover. Os limites de La Escapa são confusos, e embora haja um núcleo de pequenas casas mais ou menos compacto — ali onde ela está —, há outras construções dispersas mais adiante, algumas habitadas e outras não. Do lado de fora, Nat não distingue se são moradias ou armazéns, se nelas há pessoas ou somente gado. Desorienta-se nos caminhos de terra e se não fosse o ponto de referência da loja, que por vezes lhe parece mais familiar do que a casa que arrendou e onde dorme já há mais de uma semana, sentir-se-ia perdida. A zona não é sequer bonita, embora ao entardecer, quando se esbatem os contornos e a luz se torna mais dourada, nela encontre certa beleza a que se apegava.

Nat pega nos seus sacos e despede-se da rapariga, mas antes de sair vira-se para trás e interroga-a sobre o senhorio. Conhece-o? A rapariga enrugava a boca, move com lentidão a cabeça para um lado e para o outro. Não, não muito bem. Vive em Petacas há muito tempo.

— Quando era pequena, sim, lembro-me de o ver por aqui. Andava sempre com cães à volta dele e tinha muito mau génio. Depois casou-se, ou juntou-se com alguém, e foi-se embora. Suponho que a mulher dele não queria viver em La Escapa, e eu